

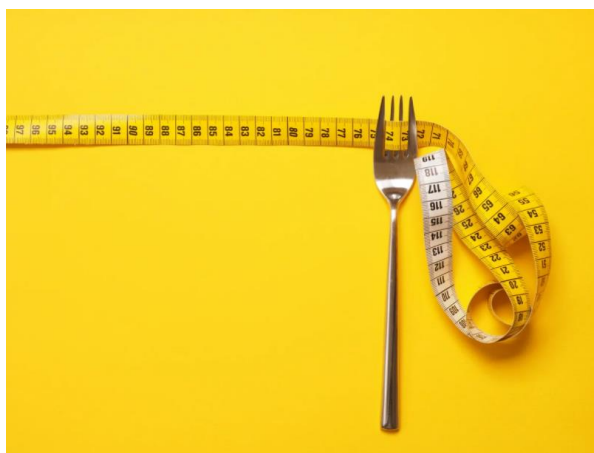
## Isabela Figueiredo: “A Gorda”. Uma vida não chega

O corpo rebelde da protagonista é um dos temas, mas não é o tema central de “A Gorda”.

(Foto: Andreas Berheide via [www.imago-images.de/imago\\_images/Shotshop](http://www.imago-images.de/imago_images/Shotshop))

*De Lea Schneider*

*Süddeutsche Zeitung, 20 maio 2021*



**Uma mulher para quem qualquer medida normal lhe é demasiado estreita, num livro para o qual todos os conceitos de género são demasiado simples: “A Gorda” de Isabela de Figueiredo.**

O romance “A Gorda” de Isabel de Figueiredo não é em muitos aspetos aquilo que afirma ser. Para começar, não é um romance – se se entender por romance uma narrativa de progressão linear com um arco claro de crescente tensão. Em vez disso, a sua ordem emana da planta de uma casa: é a casa dos pais recentemente falecidos da personagem principal do livro, Maria Luísa, que narra a sua história, à medida que se move pelos diferentes espaços.

A condizer, os capítulos vão-se chamando “Hall” ou “Quarto dos papás”, e assim como memórias de diversos momentos da vida se podem sobrepor num móvel dentro dum espaço, também Maria Luísa não narra a história da sua vida do princípio para o fim, mas recomeça de novo em cada espaço, recua a acontecimentos que foram aflorados num capítulo anterior, expande, questiona e aprofunda a sua narrativa ciclicamente com novos detalhes. Antepondo-se ao todo, estão logo três motes literários, entre eles de Mary Shelley e Henry David Thoreau, bem como uma “Epígrafe sonora” – uma espécie de playlist da narrativa, que fornece a banda sonora adequada para todos os anos desde 1965 (Nina Simone, *I Put a Spell on You*) até 2021 (Lana del Rey, *Born to Die*).

Mas “A Gorda” não só não é um romance clássico, como também não é sobre o ser gordo – ou, pelo menos, não em primeiro plano. É verdade que o corpo rebelde de Maria Luísa, que recusa mover-se dentro dos limites de um suposto “peso normal”, bem como as humilhações misóginas e voyeuristas que tem de suportar, têm a sua importância para os conflitos presentes no livro. Mas o seu verdadeiro tema é a relação com os pais. Maria Luísa oscila entre um amor incondicional de filha e uma enorme necessidade de

independência, de fuga ao controlo dos progenitores. Herdar a casa em que cresceu desencadeia nela questões inconciliáveis: “O que me resta sem eles, sem nada por que esperar, a que obedecer, respeitar, cuidar?! Sem amarras, sem âncora, sem desejo de fuga? Como é que se vive?!”

### **A linguagem e as imagens tocam o leitor até quase ao desconforto**

Esta relação com os pais, marcada por extremos do foro emocional, Isabela Figueiredo descreve-a com imagens drásticas, viscerais, sem embelezamentos: por exemplo, quando se diz do pai, pouco antes da sua morte, que “está um cão velho, trôpego, malcheiroso, atrapalhando a passagem”. Ou quando Maria Luísa expressa um desejo já quase incestuoso pelo corpo da mãe que ela está a tratar, e que é muito mais magro que o seu: “Continuo a sentir vontade de lhas beijar. As mamas velhas da minha mãe, tão brancas, tão bonitas! Quanto as beijaria! Como enfiaria nelas o meu nariz inoportuno, para lhes respirar o cheiro morno da carne, da minha carne, mas perfeita.”

É assim que, para nosso desconforto, constantemente nos agarram Isabela Figueiredo e a sua tradutora Marianne Gareis, com linguagem e imagens que, na leitura, nos tocam de um modo com que no fundo não queremos ser tocados. É um efeito poderoso, também nas numerosas cenas de sexo e nudez que, precisamente pelo corpo abjeto e pelo desejo transgressivo que retratam, acabam por desenvolver um prazer involuntário.

Assim como o corpo de Maria Luísa não se deixa refrear, transbordando com o seu volume os limites socialmente instituídos como “normais” ou “saudáveis” e expandindo-se com excesso como lhe apetece e lhe dá prazer, também o mesmo acontece com o seu apetite: por sexo, por comida, por sol, por literatura e música, por beleza, por amor. E pela recordação, que a sua narrativa consoma: “Abro e fecho, a cada momento, as portas do passado onde habito com os papás o laço de ferro incorruptível que nos estreita e aglutina, e sei que a vida inteira continua insuficiente para o amor.”

A editora Weidle, que lançou o livro em tradução alemã, designa “A Gorda” como “romance autobiográfico” e a própria autora adverte no fim do texto: “Todas a personagens, geografias e situações descritas nesta narrativa são mera ficção e pura realidade”. Com estas palavras, ela remete de certo modo para a sua última publicação [“Caderno de Memórias Coloniais”], objeto de controvérsia e discussão em Portugal, também publicada pela editora Weidle, em 2019, com o título “Roter Staub. Mosambik am Ende der Kolonialzeit” [Poeira Vermelha. Moçambique no Fim da Era Colonial]. Nesta, Isabela Figueiredo documenta numa linguagem muitas vezes igualmente drástica o envolvimento da sua família no domínio colonial português em Moçambique e o racismo brutal que a impregnava.

Tão inusitado é o modo como se lê a estrutura narrativa e o desenho das personagens, que não paramos de perguntar onde exatamente reside neste segundo livro o ganho da

ficcionalização. “Mera ficção e pura realidade” é o que se lê como post scriptum, algo pretensiosamente – já que a escrita de qualquer história, mesmo uma autobiografia, depende sempre tão fortemente da retórica, da seleção e da narrativização, que não existe por isso uma história “objetiva”, coisa que pelo menos desde o pós-modernismo deveria ser do conhecimento geral.

Terá esta decisão a ver com o estranho ceticismo dos alemães, porventura também da cena literária portuguesa, face ao género das memórias literárias e da não-ficção, há tantos séculos popular no mundo de língua inglesa e francesa? Nas traduções alemãs até aparece frequentemente a designação “romance”, para tirar as dúvidas, quando obviamente se trata de uma autobiografia, uma coletânea de ensaios, ou mesmo as duas coisas juntas.

É pena, porque esta estranha fetichização do romance também para o próprio não é benéfica, como observou o investigador de ciências literárias G. Thomas Couser na sua introdução ao género de memórias: Em vez de vigorosas autobiografias ou ensaios não-ficcionais, o mercado livreiro insiste em publicar romances medianos autobiográficos, que são incapazes de verdadeiramente esgotar as potencialidades de qualquer uma destas formas literárias. Por isso, também ao lermos o romance “A Gordá”, não conseguimos libertar-nos da sensação de que nele, de novo, uma autora que tão maravilhosamente domina o factual e o documental em literatura como Isabela Figueiredo foi apanhada na roda da compulsão do romance.

*Tradução: Aires Graça*